



4987 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
 GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Nas paredes da escola: histórias de estudantes gays inscritas de violências e subjetividades  
 Juliane Costa Silva - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

### **NAS PAREDES DA ESCOLA: HISTÓRIAS DE ESTUDANTES GAYS ENTRE VIOLÊNCIAS E SUBJETIVIDADES**

#### **RESUMO**

Este estudo discute as marcas de violências vividas na educação básica, especificamente no ensino fundamental, problematizando a educação e suas culturas escolares que por vezes estão imersas em uma rede de violências simbólicas e físicas. Para tal, fazemos um percurso teórico e narrativo sobre as experiências escolares e familiares de seis jovens gays, egressos e estudantes de uma escola da rede pública. Isso se faz possível, mediante ao uso de uma pesquisa qualitativa, de abordagem autobiográfica que utilizou como instrumento de coleta de dados o uso das narrativas. A partir das narrativas conseguimos perceber como as escolas tem atuado em muitos momentos como um espaço de violências que precisa ser repensado, problematizado e questionado sobre o seu real papel social.

**Palavras-chave:** Violência, infância, escola, estudantes gays

#### **1. PRIMEIRAS CENAS**

A infância é o espaço-tempo da vida dos sujeitos que estamos envolvidos em desenvolver as nossas relações com o mundo, com o outro, com si mesmo. Na infância vamos sendo mediados por uma série de discursos que determinam nossos lugares de falas, nossos comportamentos e ao mesmo tempo é o momento de despertar curiosidades e de visibilizar o momento da inocência daquele que está apto a aprender, repetir e criar.

Na infância estão inscritas nossos primeiros estranhamentos e reconhecimentos. Nesse momento, o corpo infantil que aos poucos inicia o seu processo do adolecer será marcado simbolicamente pela diferença em suas variadas interseccionalidades. O corpo infantil vai sendo determinado em relação ao gênero, aos brinquedos, aos comportamentos e ações que precisam desempenhar socialmente. É ainda na infância que somos ensinados a diferenciar as regras de um universo feminino e masculino. E, é nesse momento que os primeiros conflitos emergem. A infância ou mesmo essa pequena transição para o adolecer que situamos nesse texto fala de um lugar específico, ou melhor, de vozes que desejamos ser escutar e visibilizadas, as vozes de crianças gays. Crianças que desde muito cedo estranham seus corpos e o olhares dos outros sobre si. Crianças que são diferentes, pois trazem marcas em seus corpos, subjetividades e comportamentos que os diferenciam e os tornam centro de diversas práticas de violência e silenciamento nas vivências do ambiente familiar e escolar.

Nesse texto, os jovens narram sobre suas experiências com seus corpos, sua infância, sua relação com a família e com a escola em uma faixa de tempo-espaço ocupada pelo início do adolecer. Mas, por que trazer a questão da família em um texto que está refletindo sobre a escola? Pensamos a família como esse espaço de formação que se perpetua dentro da escola, o sujeito reproduz na escola as experiências vividas dentro de casa. No seu espaço primeiro de formação a criança ou mesmo o adolescente aprende e vivencia as primeiras práticas de disciplina e controle dos corpos que se reverberarão na escola. Somos “educados” nas famílias e posteriormente na escola.

Utilizamos desse espaço para montar um palco para que essas vozes falem de si e por si, através de suas narrativas vamos compreendendo um pouco mais sobre o cotidiano das escolas, as relações que se tecem dentro desse espaço, os avanços e retrocessos que ainda vivemos na educação. Vamos conhecendo subjetivamente um pouco sobre cada sujeito que narra, mas, também, vamos nos reconhecendo e estranhando enquanto executores de práticas semelhantes que vivenciamos dentro do espaço escolar, como professores.

Isso só é possível, porque nos ancoramos nos estudos da pesquisa qualitativa a partir do uso da abordagem (auto)biográfica e das narrativas como instrumento de pesquisa. A partir do uso das narrativas conseguimos mergulhar nas subjetividades, nos diferentes tempos que compõe as histórias desses sujeitos. No narrar das lembranças e marcas da infância e do adolecer os jovens vão se (re)construindo, (re)vivendo e (re)criando suas formas de existir e resistir às violências sofridas.

#### **2. INFÂNCIA E FAMÍLIA: CONTROLE SOBRE OS CORPOS**

Os modelos de sexualidade, masculino e feminino, que são ensinados na infância, através da escola e da família, produzem discursos uniformes que perpetuam representações estereotipadas sobre o ser menino e o ser menina. Na

infância, os elementos performativos são internalizados através das brincadeiras, dos discursos e dos espaços que são delimitados para ambos os sexos, em um ritual que prepara para o modelo heterossexual. Padrões de comportamentos são estabelecidos nesta construção, para a vigilância dos corpos. O corpo infantil vai sendo performatizado desde muito cedo interpelado por discursos que advêm de todos os seus processos de construção e interação social, seja através da valorização do filho homem, ou mesmo, na divisão de brinquedos. Construímos homens e mulheres que devem corresponder a uma expectativa história-cultural-social.

Eu sempre gostei de brincar de boneca e brincava muito com minha prima, mas apenas quando meu pai e minha tia não estavam por perto. Por que eu sabia que meu pai não gostava. Mas minha madrastra me deixava brincar, quando ele não estava por perto. Para você vê é criança? Mesmo sem entender o que acontecia, eu sabia que era errado brincar de boneca. (MARCELO)

O controle sobre as brincadeiras é uma das manifestações do controle sobre a criança, deixando claro para ela, desde muito pequena, que estamos inscritos em uma sociedade binária. Entre o azul e o rosa, a boneca e o carrinho, Marcelo foi separado dos brinquedos pela visão biológica acerca do gênero e ensinado a se comportar em conformidade com tal padrão. Os corpos começam a ser fabricados, e não existe um corpo livre do elemento discursivo. A brincadeira será apenas umas das primeiras imposições ao corpo infantil, uma primeira forma de introduzir aquele sujeito a uma experiência única e tóxica de masculinidade.

Os corpos falam, representam e significam a cultura, sociedade, o corpo que nasce está condicionado a um campo simbólico. Através dos corpos, os indivíduos refletem suas concepções e também a sociedade em que estão inseridos. Butler (2015) nos aponta que o corpo não pode ser pensado como algo naturalizado, mas precisamos pensá-lo como significado e como significação, ou seja, ele só pode ser entendido a partir da compreensão de que a linguagem e o discurso o constroem.

A evocação que se faz do corpo, quando a criança nasce, irá determinar, ao longo da sua vida, a forma como ela será vista e interpelada socialmente; o menino que nasce biologicamente com a genitália masculina está determinado a experimentar todos os discursos de construção de um homem socialmente aceito. Assim, qualquer sinal de um comportamento que insinue ou mesmo remeta a qualquer ideia que construímos do universo feminino é negado e silenciado por diferentes práticas. Dialogando com essa questão, Bento (2006, p. 88) afirma que:

Quando o médico diz: 'é um menino/uma menina', produz-se uma invocação performativa, nesse momento, instala-se um conjunto de expectativas e suposições em torno desse corpo. É em torno dessas suposições e expectativas que se estruturam a performances de gênero.

Nesse sentido, a família e a escola são instituições responsáveis pela manutenção dessas práticas, uma vez que através dos brinquedos e brincadeiras vão inscrevendo as concepções de gênero e sexualidade; vigiamos os banhos e as brincadeiras, distinguimos o que pertence ao mundo da menina e do menino. Se na família a vigilância é grande em torno do sexo e das expressões masculinas, na escola, essa experiência muitas vezes se torna cada vez mais dolorosa. Na vivência com outros colegas, ficam mais evidentes as diferenças e isso alimenta práticas permeadas pela exclusão e o silenciamento. As crianças vão aprendendo em casa e nas suas relações com outros sujeitos a excluir e marginalizar o estranho, a silenciar sua diferença ou mesmo a cometer a violência com outros colegas. A criança violenta com o colega gay traz as marcas fortes de uma sociedade machista e homofóbica que ensina nossas crianças desde muito cedo a controlar e vigiar seus comportamentos, a não chorar, não ser carinhoso com os colegas, ou mesmo, a ser forte e viril.

Segundo Louro (1999, s.n.), "ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribuem rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina". Essa classificação, no entanto, não fica limitada à expectativa que a família tem sobre os(as) filhos(as), mas extrapola os muros familiares e chega à escola. Afinal, se pensarmos a escola como um espaço de representação da sociedade, não é tão difícil perceber que o que temos vistos na escolha é uma representação ilustrativa da exclusão social que se tem com a diferença

Na escola, os estudantes gays são, desde cedo, classificados e rotulados. Vivenciam práticas de exclusão que vão desde a proibição das crianças de brincar com aqueles que tem gostos por brincadeiras diferentes até o comportamento de hostilidade e crítica de professores diante das opções feitas sobre os brinquedos e as brincadeiras. Em relação a este aspecto, Louro (1997) narra as marcas deixadas pela escola e, a partir dessas marcas, vamos compreendendo a escola que também deixa marcas na vida desses jovens gays.

Minhas lembranças escolares parecem menos duras. Mas hoje tenho consciência de que a escola também deixou marcas expressivas em meu corpo e me ensinou a usá-lo de uma determinada forma. Numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas. Certamente também nos ensinaram, como a Corrigan, as ciências, as letras, as artes que deveríamos manejar para sobreviver socialmente. Mas essas informações e habilidades foram transmitidas e atravessadas por sutis e profundas imposições físicas. Jovens escolarizados, aprendemos, tanto ele quanto eu, a suportar o cansaço e a prestar atenção ao que professores e professoras diziam; a utilizar códigos para debater, persuadir, vencer; a empregar os gestos e os comportamentos adequados e distintivos daquelas instituições. Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher 'civilizados', capazes de viver em coerência e adequação nas sociedades inglesa e brasileira, respectivamente. (LOURO, 1997, s.n.)

Na experiência de Louro é ensinada a forma como ser uma menina e comportar-se como tal, no caso dos meninos que revelam suas histórias aqui, falamos de crianças que são ensinadas, desde muito novas, a não exibir qualquer tipo de afetividade excessiva, sendo policiadas nas brincadeiras com as meninas e vítimas de diferentes cenas de preconceito, ao se comportarem de modo diferente dos padrões estabelecidos. Os corpos dos meninos vigiados em suas afetividades e masculinidades não devem expressar qualquer trejeito associado a construção do feminino, afinal, o sujeito “afeminado” é aquele que será ainda mais rotulado e violentado, pois está no não lugar do masculino e do feminino. Ser afeminado seria assim um indicativo de ser ainda mais violentado. “Eu não sofri tanto preconceito na escola, pois, apesar de saber que eu era diferente, eu não tinha trejeitos femininos. E as meninas até ficavam interessas em mim. Eu não entendi como, eu não gostava delas” (HARRY POTTER).

Na experiência com a escola, Harry Potter afirma que era necessário ser menos feminino para ser aceito, uma vez que o menino que não apresentava trejeitos mais femininos não era questionado em sua sexualidade. Segundo Louro (1999, s.n.), “o homem ‘de verdade’, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas”.

Na concepção de um homem que deve atender a determinados princípios sociais, os estudantes gays vivenciam constantes cenas de desrespeito e preconceitos. Eles foram silenciados e negados pela ideia de um sexo que normaliza os comportamentos. Diante de uma prática constante de apelidos e rejeições, os meninos vão construindo modos violentos e solitários de lidar com esta questão, numa luta pela negação de si.

Eu cresci muito recatado, eu cresci muito para mim. Eu nunca chorei com ninguém, eu chorava comigo. Eu ia para meu quarto a noite, às vezes chorava sozinho. E às vezes quando uma prima minha, um primo vinha conversar comigo, eu contava, mas contava distorcido do que tinha acontecido, só para ter uma sensação de desabafo, um pouco, entendeu? Que era aquele meio desabafo, não era aquele desabafo completo, omitindo as partes que eram mais importantes para você. (MARCELO)

Para Marcelo, contar os apelidos e a violência que sofria na infância era contar que ele se sentia diferente e que seu desejo não atendia à expectativa da família. A violência deixa marcas inscritas na subjetividade dessas crianças que, desde muito cedo, convivem com as piadinhas dos colegas e dos familiares sobre as diferentes formas de se expressarem. Na reprodução e expectativa que a família faz desse corpo, a criança precisa apreender a reproduzir a masculinidade exercida por seus pais e tios, eles são ensinados a isso. Uma violência que muitas vezes não é revelada à própria família, mas que também não é percebida pela própria família.

Os meninos passam a ficar cada vez mais reclusos nos seus quartos e iniciam um processo de automutilação. As rotas de fuga e estratégias de resistência desde cedo vão sendo experimentadas, dentre elas, as principais são, a exclusão e automutilação. “E assim, eu comecei realmente a me martirizar por conta disso, porque eu dizia se eles estão me chamando é porque eu realmente pareço, passei a me culpar e aí que me mutilava com alicate de unha no calcanhar, tirava aquela pele, ficava igual à pele de bebê, de recém-nascido” (MENINO DE LUZ).

Os processos de automutilação estiveram presentes não apenas na vida de Menino de Luz, mas outros como ele viam na automutilação uma forma de autopunição diante dos preconceitos sofridos. Vítima de violências constantes, ele era constantemente apelidado de “mulherzinha” e “Ney Matogrosso”, o que despertava nele um início de depressão, descoberto pela tia, após encaminhá-lo a uma psicóloga. Menino de Luz é um corpo que exerce outras formas de masculinidades, como muitas vezes disse em suas narrativas, por ter seu jeito próximo ao que chama de afeminado, sofreu muita violência na escola. A tia que presenciara seus pés sagrando muito devido à automutilação e sua dificuldade em apoiar os pés no chão, pela sensibilidade da pele retirada em excesso, preocupada em entender o que acontecia, tentou ajudá-lo através da busca de terapias com psicólogos.

A automutilação não acontecia apenas fisicamente, mas simbolicamente. Os sujeitos vítimas das diferentes violências buscavam manifestar, através do silêncio e da reclusão, os preconceitos sofridos e os abusos sexuais praticados por familiares. Um fator importante de destaque é que os abusos sofridos por essas crianças se iniciavam nesse processo familiar, era na família as cenas de abusos que depois se somavam as cenas de violência dos colegas.

Eu sofria tanto *bullying*, tanta coisa que ao decorrer do tempo eu fui ficando cada vez mais frágil, mais recluso mesmo. Eu não tinha amigos, eu não saía de casa. É na sexta série, eu lembro que eu comecei a ter um início de depressão por causa disso. Minha família não sabia exatamente o que estava acontecendo, porque eu tinha medo de contar e ser rejeitado, porque meus pais são cristãos. Eu temia que eles não entendessem, compreendessem exatamente o que eu estava passando. (MAYCOON)

O receio de revelar aos pais os acontecimentos vivenciados e, principalmente, de confessar os abusos sexuais foram comuns em algumas narrativas, como as de Menino de Luz, Maycoon e Pequeno Príncipe, que foram vítimas de abuso na infância. Esse fato gerou ainda mais dificuldade ao enfrentamento das questões familiares. Com receio da reação dos pais, os meninos mantiveram, durante muito tempo seu segredo, até que no momento em que se sentiram mais confortáveis em falar sobre isso, puderam contar aos pais o abuso sofrido pelos primos e tios que ameaçavam psicologicamente esses sujeitos. Falar sobre os abusos e violências, naquele momento vivido, era romper com as expectativas familiares, assim como, ter a chance de sofrer ainda mais violências. Sem saber como a família poderia reagir a tudo que sofriam, os meninos se calavam.

## 2.1 Infância/Adolescência e a escola

Os jovens - os sujeitos narrativos desse texto - vão sendo interpelados por diferentes fatores durante a sua escolarização, dentre eles: as construções e negações das identidades, os silenciamentos, o estranhamento que os induz a comportamentos de automutilação, sobretudo quando abusados sexualmente. Os meninos que ocupam os espaços da escola e da família, com seus corpos que expressam diferentes formas de viver a sexualidade, geram um desconforto na sociedade e levantam para o cenário de discussão uma série de questões acerca da masculinidade, do preconceito e da homofobia.

Na escola, os sujeitos preparam-se para desenvolver não apenas uma formação crítica, mas para apreender os sentidos de uma vida em sociedade, não mais apenas com os nossos pares, mas com outros que foram formados em outros princípios, religiões, classes sociais e valores. Nesse universo de tantos outros, os estudantes ingressam na escola e experienciam um reflexo do viver em sociedade, reconhecendo seus lugares de fala e pertencimento.

Porém, na experiência da escola, os meninos se defrontam cotidianamente com a presença de apelidos pejorativos que apontam novamente para os sinais de preconceito.

“Eu lembro que, na segunda série, eu sempre fui ‘ah, o menino gay da sala’, eu sempre sofri *bullying* e essa parte era muito difícil pra mim, porque eu não sabia. Eu não tinha uma base, eu não sabia direito o que tava acontecendo comigo e por que eu sofria por aquilo, então, eu sofria. Eu sofri muito *bullying* desde a primeira série. Eu sempre fui uma pessoa muito transparente, então, eu nunca consegui fingir uma masculinidade que eu nunca tive. Eu sempre fui uma criança muito feminina” (MAYCOON).

A diferença expressa-se na sala de aula, mesmo que ela não a trabalhe curricularmente, o negro, o índio, as diferentes religiões, o menino com trejeitos femininos, os marcadores de gênero, sexo, religião e classe social se presentificam nas relações com os colegas. Assim, não temos como negar a sua existência, mas muitas são as práticas de invisibilizá-la. O sofrimento por parte dessa exposição pejorativa, por sua vez, gera constante transtorno às vítimas e se inicia muito cedo.

Para Marcelo, “a criança é um pouco maldosa e pega no pé das crianças que se apresentam diferentes”, mas o que vemos no desenvolvimento das crianças não é um preconceito que parte da sua inscrição subjetiva, ou seja, a criança não nasce preconceituosa, ela aprende a ser assim, no convívio com outras pessoas. Dessa forma, como as construções de gênero são produzidas nos discursos, o preconceito também é construído e aprendido nos diferentes cenários sociais.

Ao falar da diferença e problematizar as narrativas dos estudantes, colocamos em questão o lugar desse jovem gay e não apenas a escola como cenário de formação, mas como constituída por um currículo. É comum, assim, pensar que o currículo das escolas até agora demonstra uma continuação da história da escola brasileira que ainda apresenta dificuldades em ver esse outro, esse outro diferente, mas não menor; não subalterno.

Mesmo ao falar inicialmente de uma escola inscrita nas séries iniciais da escolarização, destaco que naquele momento já se percebia uma sutil divisão de gênero e uma representação hegemônica sobre o corpo masculino.

As ‘brincadeiras’ heterossexistas e homofóbicas (não raro, acionadas como recurso didático) constituem poderosos mecanismos heterorreguladores de objetivação, silenciamento (de conteúdos curriculares, práticas e sujeitos), dominação simbólica, normalização, ajustamento, marginalização e exclusão. Essa pedagogia do insulto se faz seguir de tensões de invisibilização e revelação, próprias de experiências do ‘armário’. Uma pedagogia que se traduz em uma pedagogia do armário, que se estende e produz efeitos sobre todos(as). (JUNQUEIRA, 2013, p. 485)

Como Junqueira (2013) aponta, as práticas, sejam elas brincadeiras ou discursos, instituem a experiência de não tornar visível o outro, que se perpetua no efeito de colocar no armário, de trancar as subjetividades e escondê-las. Por isso, pensamos que as experiências dos meninos, na educação infantil, constituíram-se como uma prática simbólica da pedagogia do armário, que é exercida por dois agentes, os colegas de classe e a gestão escolar.

As crianças e adolescentes passam a sofrer diferentes formas de preconceito, mesmo sem se identificar com uma coisa ou outra. Através das zombarias, dos apelidos e da recusa em participar dos mesmos trabalhos e brincadeiras, muitas violências são cometidas e interpelam a pessoa, enquanto sorrateiramente a pedagogia do insulto ou do armário continua a se reinventar.

Eu estudei no X, que foi péssimo, porque esse negócio mais de gente que tinha mais dinheiro, né? Meu pai sempre quis me dar uma educação particular, então eu entrei lá, foi entrar lá, aí disse assim: “Meu Deus, vou ter que voltar o que eu era antes, quando eu era criança, vou ter que esconder o que eu sou de novo”, porque você vê que tinha aqueles trogloditas que lhe atacavam por puro prazer, entendeu? Você passar pra comprar um lanche e soltar uma piadinha entendeu? E você não achar colegas, pra achar colegas foi difícil nesse colégio porque pra eu achar colegas ou era meninas ou não era, porque meninos eram muito poucos que eram como eu e muito poucos que entendiam. (MARCELO)

Uma das práticas mais comum na Pedagogia do Armário é o processo de adjetivação e exclusão. Marcelo era excluído pelos colegas que não queriam conviver com ele por causa de seus trejeitos, não queriam ser vistos com o “veadinho” da escola, e por isso construir relações interpessoais foi muito difícil. Como já vimos anteriormente, a

concepção de uma masculinidade que se impõe sobre determinado padrão, intuitivamente subjugando e menosprezando uma masculinidade que se diferencia daquela que se institui de forma hegemônica.

Eu era sexta série, e peguei amizade com as meninas do terceiro ano, porque na minha sala elas não queriam falar comigo, porque era normal mesmo, aí você pensa assim: já tinha passado por isso na infância, e querendo ou não já vinha passando por isso, aí quando chega numa fase que eu sei que eu estou crescendo, tô ganhando o mundo, que eu tô como é que se fala, expandindo minha visão de mundo, já com uma certa independência. Você vê “poxa, é tudo igual, é tudo a mesma coisa, é tudo como eu era criança mesmo”, entendeu? Então você fica meio que frustrado, faz assim: “poxa, eu cheguei em um colégio, onde você acha que a visão é maior, é mais ampla, as pessoas são mais evoluídas”, você chega, você encontra pessoas que por prazer lhe agridem. (MARCELO)

Marcelo foi excluído pelos colegas de turma que não queriam dividir o espaço com ele, um exemplo de homofobia, mas, mesmo assim, ninguém tomou nenhuma atitude. Mesmo excluído pelos colegas, ele conseguiu fazer amizade com alunos mais velhos que o acolheram, mas que não faziam nada para impedir os ataques que sofria constantemente. As relações de amizade foram desenhadas apenas em ter a liberdade de conseguir um contato com essas meninas do terceiro ano, mas isso não impedia que ele continuasse sofrendo com a homofobia no espaço escolar.

A homofobia sofrida por Marcelo, nos dois espaços, familiar e escolar, tornou tudo ainda mais insuportável. A rejeição dos colegas do aluno gay interpela subjetivamente sua construção emocional e psicológica. O aluno rejeitado é sempre aquele que se questiona a respeito do que está sofrendo e, muitas vezes, se culpabiliza por sofrer aquelas agressões.

E eu inventei de dançar no grupo de dança da escola, aí foi pior ainda mesmo, porque os meninos dançavam, mas eu não poderia dançar, porque se eu dançava, eu era veado, não podia dançar. Eles poderiam dançar, entendeu? Porque eles eram os machões, eles dançavam para as meninas, eu, se fosse dançar, eu ia dançar para me exibir pra eles. Porque eu queria eles, era assim que eles viam. E aí eu acabei saindo do grupo de dança, que era uma coisa que eu fazia, que eu gostava de fazer, gostava, eu amava dançar. Acabei saindo do grupo de dança, abdicando de mais algumas coisas que eu gostava, pra me recatar de novo. (MARCELO)

É comum, tanto quanto assustador, perceber que os alunos heterossexuais se sentem ameaçados pela presença do aluno gay. O aluno gay embaraça as relações, coloca em prova uma masculinidade hegemônica, aparentemente natural e acima de tudo desrespeita aqueles que a seguem. Para os amigos de Marcelo, o fato dele gostar de dançar era uma pista da sua homossexualidade, porém, esses meninos também dançavam, mas as justificativas se fortaleciam dentro de um discurso heterossexista. Marcelo foi cerceado de muitas coisas de que gostava, foi preciso se “recatar de novo”, era preciso se esconder novamente nos seus armários, não incomodar, não alterar a ordem. Situação semelhante ao que acontece nas histórias de meninos que não se reconhecem dentro de uma norma de masculinidade e sexualidade. Os cerceios a suas liberdades de expressão são uma forma de controlar aquele que incomoda o ambiente naturalizado como heteronormativo. Observe, a respeito, o que acontece, também, com o Pequeno Príncipe:

Eu tinha ido estudar em um colégio particular, eu ganhei uma bolsa de estudos e lá eu sofri muito, e lá eu tive início de depressão. Eu me cortava, eu pegava alfinetes aí começava a me ferir, né? O meu rendimento começou a cair, eu faltava muita aula, eu ia uma ou duas vezes para o colégio, faltava muita aula, perdi em algumas matérias, quando chegou o final do ano eu fui pra algumas recuperações, mas eu decidi não fazer. (PEQUENO PRÍNCIPE)

Diferente de Marcelo, ele foi faltando às aulas e essa era a melhor forma de enfrentar a homofobia, naquele momento, pois o Pequeno Príncipe já apresentava sintomas de depressão. É interessante perceber que, ao longo das narrativas, ambos, ao se referirem sobre a instituição escolar da rede privada, nos fazem observar que a mesma deixa uma marca muito negativa nos meninos. A escola é marcada por práticas de violência, verbais e psicológicas, e os meninos se sentem acuados pela figura dos agressores.

Mesmo que de uma forma geral apresentemos aqui a escola como uma instituição em si, sem as divisões classificatórias de públicas ou privadas, é preciso ressaltar que as marcas vivenciadas no momento em que um estudante gay se insere na escola privada são muito mais fortes, no tocante ao preconceito em relação a sua sexualidade.

Durante o período de escolarização, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, “tende-se, nesse momento, a enfatizar a reclusão ao prazer, a negar a sexualidade infantil, o diálogo, salientando a desinformação, o medo, os tabus e preconceitos em torno da sexualidade sem culpabilidade” (SOUZA, 1994, p. 9). Isso por que ainda perpetuamos de alguma forma a negação de uma sexualidade que se expressa desde a infância. Construímos a ideia de um corpo, não apenas naturalizado em sua sexualidade, mas sem sexualidade, durante a infância. Assim, os corpos assumiriam uma sexualidade apenas na adolescência, quando falaremos sobre os hormônios e como eles alteram o corpo e, assim, a sexualidade aflora. Porém, conforme podemos observar na narrativa a seguir, não é bem assim que ocorre:

Eu desde criança me sentia atraído sim por outros caras, mas eu achava que era normal. Tipo todo mundo ia passar por aquela fase na adolescência também, mas quando os hormônios afloraram, como dizem, aí pronto, é o baque. Poxa, eu não pensava nem nos meus pais, nem na sociedade, eu pensava no inferno, eu vou para o inferno. (HARRY POTTER)

Quando a escola e a família corroboram com uma formação que acontece a partir da repetição dos discursos, os efeitos vivenciados por esses sujeitos gays são sentidos como Harry Potter descreve, a ideia de uma sexualidade que aflora com os hormônios e que o desperta para a busca de si, mas também o medo. O medo do inferno, da sua sexualidade como anormalidade.

O discurso propagado pela escola de uma não sexualidade infantil traz efeitos não apenas para os estudantes gays, mas para toda uma sociedade que, como contrapartida da discussão sobre uma sexualidade, forma cada vez mais uma sociedade heterossexista. E aí se configura a contradição.

O ambiente escolar é um espaço fundamental no processo de socialização do indivíduo, marcando a transição da infância à adolescência. Sendo assim, deve se caracterizar por ser um local seguro, que oferece proteção ao jovem, além de prepará-lo para o futuro e apresentar um eficaz processo de ensino-aprendizagem, sempre primando pelo bem-estar dos seus alunos. (SILVA; BARRETO, 2012, p. 11)

O que temos visto, a partir das narrativas, é que a escola, nos anos iniciais e no ensino fundamental II, é vivenciada de maneira muito dolorosa pelos meninos. Vale ressaltar, entretanto, que não queremos fortalecer a ideia de uma escola essencialmente preconceituosa e cheia de tensões, mas reconhecer que a escola que ganha vida nas histórias desses meninos traz essa marca de preconceito e exclusão. “Eu brincava muito de boneca na escola, vivia com as meninas, porque os meninos não queriam brincar comigo. Eu fui muito xingado, queriam me bater. Até pelos professores mesmo, me viam diferente e me olhavam diferente” (PEQUENO PRÍNCIPE).

As relações com os colegas e professores demarcam uma linha tênue entre a escola vista como um espaço hostil ou de acolhimento, porque é no momento da vivência de relações interpessoais, com os colegas e docentes, que os meninos experimentam as marcas de escolarização que invisibilizam e rotulam os sujeitos.

Por mais que a escola tente negar a sexualidade dentro do seu espaço, ela existe e se faz presente, em diferentes situações. A sexualidade pulsa na escola, mesmo que dela pouco se fale. As crianças e adolescentes possuem suas sexualidades, independente da visibilidade ou não que isso ganhe nas discussões em sala de aula. Ela está nos corredores, nas paredes, nos banheiros, nas relações entre os pares.

Eu lembro que na educação infantil um menino me chamou para o fundo da escola e ele me beijou, sem maldade. Eu não entendi por que ele fez isso. Eu fui apenas por que ele me chamou. Eu não sentia um preconceito dos professores, até por que eu me segurava muito, eu me segurava meio que para não “soltar a franga”. (HARRY POTTER)

A partir das narrativas desses meninos a escola vai se revelando como o espaço que tem pensado pouco sobre a sexualidade infantil, que não a tem pensando como algo presente na vida dos sujeitos, mas algo que surge posteriormente, em outros momentos da história desses estudantes. Em contrapartida, quando escutamos as narrativas, percebemos que há uma contradição entre a visão de infância que a escola tem trabalhado e a real relação da infância com a sexualidade.

Eu lembro que no colégio eu sempre estava na frente da dança e do teatro. E isso incomodava muito minha avó, ela ficava dando testa à professora, pois as professoras diziam que ela deveria me colocar na escola de teatro, porque eu me destacava sempre, mas minha avó fazia o trocadilho dizendo que “na família já tinha muito artista”. (MENINO DE LUZ)

A avó vigilante de Menino de Luz ia à escola cobrá-la e alertá-la sobre o seu papel de guardiã da sexualidade e da masculinidade do neto. Permitir que ele se destacasse e que estivesse envolvido e fosse o centro nas atividades comumente associadas ao universo feminino não fazia parte dos planos da avó para ele. Assim como Marcelo precisou se afastar do grupo de dança, na escola, por causa dos colegas e, posteriormente, por causa do pai, Menino de Luz também é controlado e vigiado em suas práticas de socialização. Como nos afirma Butler (2015), a sexualidade se constitui como a ideia do corpo vigiado, controlado e performático. O corpo que precisa ser negado em suas expressões.

Os meninos faziam um corredor na escola para ficarem me xingando, fazendo bullying. E me marcava também que a direção não tomava providência e não fazia nada. Até o dia que eu disse na direção que eles precisavam tomar uma decisão ou eu iria colocar a escola na justiça, eu era ensino fundamental II e disse a eles que o aluno na escola é responsabilidade da escola. Mas como eles iam fazer alguma coisa, se quem mais fazia bullying, homofobia comigo era sobrinho da gestão. E a gestão dizia que eu estava procurando problema com o sobrinho dela. Na sexta-série foi muito difícil também, eu era o último a sair do colégio, pois rasgavam minha bolsa todo dia, jogavam meu caderno fora, eu sofria muito. Era um terror. Tinha um mototáxi para me buscar e me levar, por que eu sofri muito. Era um preconceito constante. (MENINO DE LUZ)

As humilhações constantes sofridas no ambiente escolar revelam, nas narrativas, que à medida que a escola se torna uma experiência hostil para esses meninos, seus desempenhos escolares não são satisfatórios. Ter que lidar com questões de homofobia, práticas de xingamento e de destruição do seu material escolar mostra a forma como esse estudante vai se relacionando com a escola, com os saberes. O seu desempenho escolar é fraco e o aluno apresenta notas baixas, dificuldades de concentração e nas formas como passa a se relacionar com os colegas.

A rejeição ao aluno gay expressa-se, também, na negação e na culpabilização daquele estudante. Ele se torna o problemático e aquele que desperta o motivo do bullying. A ausência de posicionamento da gestão é representativa do olhar que aquela instituição tem para com o aluno. Ao negar as situações de *bullying* e proteger os praticantes, a escola reproduz um discurso de preconceito e que reforça o dispositivo de controle sobre tais alunos. Essa situação gera momentos cada vez mais difíceis para o aluno gay. Apoiada em um discurso que historicamente naturalizou os corpos, a escola se vê como a responsável por continuar a alimentar esse discurso e, por vezes, tem dificuldade em tentar fazer diferente, com receio do julgamento que a sociedade possa ter sobre ela.

Da mesma forma que ensinamos uma não sexualidade infantil, repetimos as marcações de gênero, de discursos machista e de uma masculinidade hegemônica. Diante de tanta contradição, é preciso ouvir as vozes desses discursos, para compreendermos quem estamos formando e para quem estamos formando esses sujeitos.

Faz-se necessário refletirmos um pouco sobre a 'positividade do sexo se não vivemos satisfatoriamente?' Devemos questionar que valores e quais posturas estamos assumindo diante da vida, dos educandos e da 'moral sexual', que introjetamos e vivenciamos no cotidiano. Será que nós, educadores, estamos preparados para trabalhar com as crianças e os jovens sobre a sexualidade? Que concepções temos de sexo, sexualidade e prazer? Como poderemos desmistificar a biologização articulada à sexualidade? (SOUZA, 1994, p. 460)

As provocações trazidas por Souza (1994) nos despertam o olhar para as histórias desses meninos, principalmente para as experiências escolares vividas na infância e, com maior atenção, no início da adolescência. As narrativas nos mostram que é nesse momento de vida que os meninos mais sofrem com as situações de bullying e silenciamento diante das situações de preconceito. Assim, é nessas situações que os dispositivos de poder se fazem mais presentes. É na relação com a escola, em suas fases iniciais de escolarização, que esses meninos vão construindo suas relações com o outro e consigo mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo a partir das histórias de vida coloca em questão a subjetividade, as marcas, os sentidos, as experiências e os projetos de si. Desde muito novos, nas suas primeiras experiências com a escola, os colegas e as brincadeiras, os primeiros estranhamentos acontecem. Meninos que gostam das brincadeiras de meninas e que dividem o espaço da escola em círculos de amizades predominantemente femininos. Meninos que, apesar de gostarem das brincadeiras rotuladas de masculinas, se sentem desde novos em uma relação de olhar o outro menino diferente da menina. Meninos que rotulados de bichinhas e gays, desde a infância, vivenciam situações de rejeição e por isso não socializam com muitos colegas. Esses diferentes jeitos de ser menino são interpelados por uma experiência de escolarização com situações de violência e preconceito.

Em uma infância povoada pelo medo e pela dúvida, na forma como se sentem diferentes em relação aos outros meninos, eles não são compreendidos por ninguém, e se defrontam com diferentes situações de rejeição dos colegas de sala, momentos em que se sobressaem a presença da violência na escola, a distinção dos universos femininos e masculinos e uma escola que não se acostumou, ainda, a pensar os corpos, a sexualidade e a criança como um ser social. Na infância, as situações de preconceito passam despercebidas pela escola e, em consequência, para a família que, muitas vezes, desconhece tais situações. As crianças ensinadas dentro de um discurso machista e sexista tornam o ambiente, para os colegas diferentes, hostil. Os estereótipos vão sendo reforçados e o menino gay é atacado, a todo momento, nas brincadeiras, ou mesmo através da negação e da invisibilidade da comunidade escolar diante das situações vivenciadas pelos meninos. Os sintomas de reclusão, os tratamentos psicológicos e as mudanças de escola foram fatos comuns nas histórias dos meninos.

Os meninos apropriam-se desse espaço e transitam entre a norma e a transgressão, em um processo que solicita uma troca de saberes, e não mais um saber instituído. A diferença precisa ser vista como uma questão que atravessa a escola, em todas as suas ações, pois o outro está em todo o espaço do cotidiano escolar, e tentar enxergá-lo na homogeneidade já não é mais possível. Todos esses outros conquistaram espaços, reforçaram suas redes e trazem à tona todas as lutas. Enquanto essa perspectiva não for assumida pela escola, teremos constantemente o aumento dos conflitos no cotidiano escolar. O outro não está mais sozinho, ele está aliado a vários outros, a outro gênero, outra raça, outra religião, outra classe social e, juntos, eles modificam o espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. *A (re)invenção da transexualidade: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em Ação. *Revista retratos da escola - CNTE*, v. 7, n. 13. jul./dez. 2013, p. 481-498.
- SILVA, Joilson Pereira da; BARRETO, Nayana Santana. Violência escolar: problematizando a relação entre o bullying e a homofobia. IN: *Revista Fórum Identidades*. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012

SOUZA, Elizeu Clementino de. *A escola e a sexualidade: porque negar o prazer?* In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília v. 75, n. 179/180/181, Seção: Comunicação e informação, p. 450-467, jan./dez., 1994.